

APRESENTAÇÃO: FILOSOFIA ESTÉTICA COMO MODO DE EXISTÊNCIA

PRESENTATION: AESTHETIC PHILOSOPHY AS MODE OF EXISTENCE

Naiara Paula Eugenio¹

Resumo:

Este é um texto de apresentação para o Dossiê Estética e Filosofia da Arte Africana para a *Problemata Revista Internacional de Filosofia*. Articula a ideia de existência Estética com a própria existência humana, uma vez que para os iorubás o ser humano é criado como obra de arte dotado de beleza e capaz de criar e recriar tal ato. Resolve que sem a apreciação e criação Estética, a vida diminui de sentido até que deixa de existir enquanto produtor intelectual, assim como o distanciamento da ideia de beleza aumenta o distanciamento do afeto positivo, destina um corpo extenso, isto é, com suas percepções e espiritualidades e capacidades, ao lugar do não-humano e, por isso, para um mundo que considera o não-humano como outro dispensável, à violência. Procura mostrar que o dossiê traz modos de Estética Africanas e Africanas Diaspóricas que convivem conosco culturalmente. Expressa a ideia de sankofa, no sentido de que entende a necessidade de consultar a história ancestral para formular outros modelos de filosofar, demonstrando tais modelos nas linhas elaboradas pelos autores.

Palavras-chaves: Filosofia Africana; Estética Iorubá; Modo de Existência; Arte Africana; Arte Afrobrasileira.

Abstract:

This is a presentation text for the Dossier Aesthetics and Philosophy of African Art for the *Problemata International Journal of Philosophy*. It articulates the idea of Aesthetic existence with human existence itself, since for the Yoruba the human being is created as a work of art endowed with beauty and capable of creating and recreating such an act. It resolves that without Aesthetic appreciation and creation, life diminishes in meaning until it ceases to exist as an intellectually productive one, just as distance from the idea of beauty increases distance and diminishes positive affect, it destines an extensive body, that is, with its perceptions and spiritualities and capacities, to the place of the non-human and, therefore, to a world that considers the non-human as an expendable other, to violence. It seeks to show that the dossier brings African and African Diasporic Aesthetics that coexist with us culturally. It expresses the idea of sankofa, in the sense that it understands the need to consult ancestral history to formulate other models of philosophizing, demonstrating such models in the lines elaborated by the authors.

Keywords: African Philosophy; Yoruba aesthetics; Mode of Existence; African Art; Afro-Brazilian Art.



A cultura Africana de onde retiro inspiração para apresentar esse dossiê e meus últimos empreendimentos na vida acadêmica é a iorubá. Não curiosamente, que me lia sempre percebia que minha escrita acadêmica era na verdade romanesca, se posso mesmo chamar assim, pois eu gostava de escrever como quem estivesse contando uma história, no meu caso mais particularmente, como se estivesse numa conversa. Eu acreditava que era porque eu gosto de me nomear como escritora e escrevo romances, embora não todos publicados, claro, desde os onze anos de idade. Sempre e sempre com meu caderninho - e depois com os computadores - anotando ideias que surgiam enquanto lavava a louça, brincava, depois de um filme ou novela ou de uma leitura. Tempo livre na adolescência não existia, eu estava sempre escrevendo uma história ou outra que *eu inventava na minha cabeça*, como eu dizia na época. Às vezes a história nunca acabava, o caderno, sim, e eu ia mudando de papel à medida que a história ia se desenrolando.

Grande erro meu pensar que foi por isso que minha escrita se parecia com uma conversa, erro em que se coloca a quase toda a população brasileira: a de dispensar a grande influência das culturas africanas para a formação do indivíduo que se chama de brasileiro. O que eu fazia, na verdade, era reproduzir minha forma de aprendizado nas minhas produções, um aprendizado cheio de influência da oralidade. Escrever como quem conta uma história pode ser motivo de desclassificação de um artigo numa banca de avaliação. Existem estilos de escrita que o ocidente adotou como específicos para cada área que se é preciso respeitar. Aí, que o estudante africano diaspórico pensa que está fazendo tudo errado na academia ou antes mesmo, na escola, quando não se adapta a forma de ensino. Esse estudante não se adapta ao sistema de notas e classificações, porque sua história de aprendizado é muito mais inclusiva. Bem, imaginem uma criança de terreiro, imaginem a forma como ela cresce nesse ambiente e aprende sobre o mundo e como viver nele. Eu não fui uma criança de terreiro, mas, obviamente, fui criada numa cultura preta, já que sou de família preta. E isso, para espanto de muitos, não se difere tanto quanto se pensa. Quando eu era criança, minha avó sempre que acabava o fornecimento de eletricidade no meu bairro, e isso era bastante corriqueiro, acendia uma vela e contava histórias de assombração. Depois do almoço, enquanto descascava as laranjas para dividir com o netos, contava suas histórias na roça, quando a gente desobedecia, contava uma história do que acontecia com crianças que desobedeciam, e quando precisava ensinar ética e costumes, contava uma história de como proceder, geralmente os personagens era alguém que ela conheceu, ou seja, de uma pessoa da comunidade. Os vizinhos sempre eram exemplos de como a gente podia ou não se comportar em comunidade. E eu nem falei das rezadeiras e dos chás, ou seja, minha avó além de professora em história, ética, estética e tantas outras habilidades, era cientista.

Imagem 1: Pl. 10 Figura feminina Gèlèdè. Figuras como essa não são "dançadas" (a abertura inferior desta escultura não é larga o suficiente para acomodar o corpo humano), mas geralmente são mantidas dentro do santuário Gèlèdè, às vezes colocado sobre um pote invertido. A faixa do bebê (òjá), seios fartos e lombos grandes identificam essa mulher como uma mãe lactante (abiyamo) e um epítome do poder procriativo feminino. Madeira, pigmento, h. 44 ' / s polegadas.



Fonte: LAWAL, 1996.

Eu vejo nas obras de artes femininas da Iorubalândia, que pesquiso hoje, como as parecidas da acima apresentada, a figura de Ìyá que era a minha avó, não só fisicamente, pessoa de corpo farto, colo grande, que influenciou a vida de todos nós, filhos e netos; mas também intelectualmente. Uma senhora analfabeta para as letras, cheia de sabedoria, que criou uma neta para ser doutora, e não apenas porque recebi um título na academia, isto também, mas porque nós sabíamos as funções das estrelas, do sol, da lua, da terra, da chuva e de uma variedade de plantas. Nós éramos todos muito bem nutridos, porque apesar de minha avó não ser academicamente nutricionista, sabia exatamente o que tinha que ter no nosso prato para nos manter saudáveis. E tinha também o respeito imprescindível pelos mais velhos: ai de quem não chamasse seus mais velhos de senhor e senhora, pedisse benção, obedecesse ou não soubesse sair da sala quando o assunto era só para os mais velhos. Mas então veio a década de noventa, os anos dois mil e a gente confundiu tudo e esqueceu. Enfim. Criança brincava e ouvia, então nosso aprendizado era baseado em liberdades. A gente aprendia junto com o próprio viver. Então, nada mais comum para nosso povo do que reproduzir esse método enquanto ensina, quer dizer, escrever um texto na intenção de informar. O estudo da estética de meu povo é um espelho no qual vejo a mim e a meus ancestrais, é um reencontro.

Este dossiê é a reunião de perspectivas reunidas num mesmo tema, as **Estéticas e as Filosofias das Artes Africanas**, com ênfase nas artes iorubás ou diaspórica iorubá. Nele, vocês verão uma série de artigos e traduções seriamente desenvolvidos especialmente para formular um lugar para a **Estética e Filosofia da**

Arte africana no campo da Filosofia no Brasil. Para isso foi preciso empregar métodos específicos que são importantes para a pesquisa em Estética Africana como, por exemplo, a apresentação das imagens, que aparecem às vezes em longas explicações em lugar da legenda. Isso porque aprendemos com a Filosofia Africana que uma imagem africana não pode estar separada de seu contexto. Muito se fala de como essas imagens são expostas em alguns museus ocidentais abandonadas do que a faz ser o que é, para nós da Filosofia Africana, um nome é pouco para se falar de uma obra, mesmo porque às vezes um nome pode ser um oriki inteiro e se ela não está sendo “usada” o movimento que faz esse sentido ser apreendido pode desaparecer. Então a escrita pode nos ajudar com a conexão. Eu posso dizer de uma imagem: “ela tem um corpo volumoso com costas largas e seios fartos porque representa uma ìyá que amamentou e isso pode ser compreendido como lembrete ou um pedido para as grandes ìyás de que seus filhos precisam de proteção e suporte para a manutenção de suas vidas”. É preciso o máximo de informação possível sobre ela. Por isso buscar responder perguntas como “Ela dança?”, “Quem dança com ela?” “Tem funcionalidade?”, Qual sua funcionalidade?”, “De qual cidade ela é?”, “Quem a esculpiu?”, “Quem encomendou?”, por exemplo, são importantes para apresentação das imagens africanas. Sabemos que nem sempre isso será possível, muitas vezes as histórias dessas imagens desapareceram, ou estão no continente de forma que não podemos alcançá-las ou na diáspora de forma que não podemos contá-las, mas quando conseguimos encontrá-las e se pode contá-las, as expomos com importância. Uma obra de arte precisa apresentar seus elementos materiais juntamente com os imateriais para que possamos entender beleza nela. E o imaterial pode ser o seu significado, estar na característica que uma cidade dá e que é diferente de outra, num estilo, num desejo, etc. E nesse sentido é importante se valer de todas as informações possíveis para captá-las. Essa concepção é também resultado desses anos de traduções e pesquisas bem intencionadas na cultura africana e afrobrasileira.

Quando eu digo bem intencionadas, quero dizer que aqui estão doutores e pesquisadores que dedicaram anos de suas vidas traduzindo textos que nunca foram explorados formalmente como Filosofia no Brasil para abrir novas, que são velhas - porque são ancestrais -, perspectivas para o campo da Filosofia e da Arte. Essas pessoas se colocam, algumas delas há anos, dispostas a corrigir todo um vocabulário acadêmico, investigar a cultura Africana, consultar os mais velhos, escrever, corrigir, se corrigir... Num trabalho árduo, e também prazeroso, que traz o pensamento africano e afrodiaspórico para dentro das experiências filosóficas, pois como já sabemos, a filosofia não é de jeito nenhum um conceito novo para a África. O que significa dizer que este é um trabalho em filosofia e usamos todas as suas ferramentas para fazê-lo.

Aqui apresento com um grande entusiasmo uma tradução inédita do grandioso Rowland Abiodun, o maior nome da Estética e Filosofia da Arte Iorubá no mundo, que nos presenteou ele mesmo com a escolha do artigo *The Concept of Iwa in Yoruba Aesthetics* para tradução que, sem dúvida, trata-se de uma inesquecível colaboração entre Iorubalândia e Brasil com este que é a maior referência no assunto. E o prazer é todo nosso. O doutor Abiodun nos leva para um belo passeio sobre conceitos fundamentais para pesquisar Estética Iorubá, para minha grande alegria, já que inseri esse mesmo conceito na minha tese de doutorado. O doutor Wanderson Flor do Nascimento, professor de Filosofia da UnB, que é um entusiasta das traduções de textos de Filosofia Africana para o Brasil, se junta a nós nos

oferecendo a mais que sensível e minuciosa tradução deste artigo junto com o pesquisador Kim Camargo. E assim como eu fiquei lisonjeada com o artigo *Yorubaiano, modos de lidar com heranças e projetar futuros*, do doutor Marcelo Campos, tenho certeza que vocês também vão ficar. Professor no Instituto de Artes na UERJ e curador-chefe do MAR, no Rio de Janeiro, Campos, com seu vasto e apurado conhecimento das artes, nos possibilita acessar ferramentas de análises para a crítica de arte Iorubá no Brasil a partir de um entendimento genuíno sobre trabalhos específicos. Os autores deste dossiê são: *Doutor Rowland Abiodun*, nascido em 1941 em Owo, Ondo State, Nigéria. É um professor e autor nigeriano-americano mais conhecido por suas contribuições ao campo dos estudos de arte africana, especificamente a arte iorubá. Atualmente é professor John C. Newton de Arte, História da Arte e Estudos Negros no Amherst College, Amherst, Massachusetts. Abíódún cursou o ensino médio no Government College Ibadan, Oyo State, Nigéria (1955-1960), e recebeu seu bacharelado em Belas Artes com honras de primeira classe na Universidade Ahmadu Bello, Zaria, Nigéria, em 1965. Abíódún passou para o programa de mestrado em História da Arte na Universidade de Toronto, Toronto, Ontário, Canadá. Ele escreveu uma tese sobre "A Origem do Naturalismo de Ife" em 1969². *Doutor Wanderson Flor do Nascimento* - Graduado em filosofia, especialista sobre o ensino de filosofia, mestre em filosofia e doutor em bioética pela Universidade de Brasília (UnB). É professor do Departamento de Filosofia da UnB, do Programa de Pós-graduação em Bioética (FS-UnB), do Programa de Pós-Graduação em Metafísica (IH/UnB), do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (CEAM/UnB) e colaborador dos programas de mestrado profissional em Sustentabilidade junto ao Povos e Terras Tradicionais (MESPT/UnB) e Filosofia - PROF FILO - (Multi-institucional, Pólo UFT). Colíder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde - GEPERGES Audre Lorde (UFRPE/UnB-CNPq). Membro do Núcleo de Estudos sobre Filosofias Africanas "Exu do Absurdo" (NEFA/UnB). tradutor e idealizador e organizador do site de Filosofia Africana <https://filosofia-africana.weebly.com/>. *Doutor Marcelo Campos*, possui graduação em Comunicação Social - Faculdades Integradas Hélio Alonso (1994), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) e doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Atualmente é professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor efetivo do Programa de Pós Graduação em Artes/UERJ e do Programa de Pós-graduação em História da Arte/PPGHA/UERJ. Curador Chefe do Museu de Arte do Rio. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Crítica da Arte e Curadoria, atuando principalmente nos seguintes temas: arte contemporânea brasileira, artes visuais, história e teoria da arte, antropologia da arte e afrobrasilidade. *Doutor Pedro Hussak*, Possui graduação em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1996), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2000) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2005). É professor Associado III de Estética na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ), onde foi o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia de setembro de 2015 a setembro de 2017. Além disso, colabora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF). No ano de 2014 realizou um estágio de pós-doutorado com bolsa da CAPES na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, onde foi professor visitante em março de 2017. Publicou

como organizador "Educação Estética: de Schiller a Marcuse" e foi editor convidado do Dossiê Rancière na Revista Aisthe-UFRJ e do Dossier Arte Contemporânea: Anacronismo e pós-conceitualismo da Revista Poiesis UFF. *Mestre Raísa Inocência*, Graduada em Filosofia pela UFRJ, mestre em Filosofia pela Universidade de Toulouse e doutoranda em Filosofia na linha de Estética também na Universidade de Toulouse, França. Ativista e performer com trabalhos cruzam teoria e prática descolonial. *Kim Camargo*, mestrando em Relações Étnico-Raciais pela CEFET-RJ, estudante no grupo de pesquisa Racismo, Discurso e Cinema Negro do CEFET-RJ, pesquisador de Estética Iorubá pelo Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios da UFRJ, graduando em Letras Português/Inglês pela Universidade Veiga de Almeida e Bacharel em Administração pela UniCarioca. *Glauce Regina de Paula (Asante Bintah)*, arte educadora, atuante em escolas públicas das periferias de São Paulo e projetos sociais voltados para o atendimento à população negra. Mestranda em Filosofia pela UFRJ no programa Gênero, Raça e Colonialidades. Mãe, artista visual, brincante e curiosa sobre os estudos de dança, teatro e performance, cultura da infância e cultura popular. Pesquisadora de Estética e Filosofia da Arte Iorubá pelo Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios da UFRJ. *Nádia Regina Braga dos Santos*, arquiteta e urbanista pós-graduada em Mídia, Informação e Cultura pela USP, pesquisadora de Estética e Filosofia da Arte Iorubá pelo Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios da UFRJ. *Eduarda Xavier de Melo Siqueira*, Graduada em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais e pesquisadora de Estética e Filosofia da Arte Iorubá pelo Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios da UFRJ. *Carlos Eduardo de Oliveira Silva Cassiano*, Licenciando em Filosofia pela UFRRJ. Bolsista IC PIBIC/CNPQ. *Gabriela Revoredo Évora*, licencianda em Filosofia pela UFRRJ. Bolsista IC-FAPERJ. *Pedro Xavier do Lago*, Licenciando em filosofia na UFRRJ. *Carlos Eduardo de Oliveira Silva Cassiano*, Licenciando em filosofia na UFRRJ.

Parte de anos de minha insistência na pesquisa da Estética e Filosofias das Artes Africanas estão neste dossiê, em que tento com afinho e responsabilidade erguer categorias que sejam baseadas na cultura africana, em teorias africanas com e sobre trabalhos de vivências africanas. Por isso, os artigos apresentados aqui se mostram como resultado desses anos de pesquisas e seus autores são pessoas que aceitaram a minha orientação para a construção dessas teorias, e também os que juntaram suas aspirações às minhas e decidiram aceitar um modo diferente de filosofar, não novo, mas um outro. Eu tenho o prazer e a alegria de apresentar esses trabalhos que foram talhados sob acusações de que Filosofia Africana não existe, que Estética é um produto ocidental e até de que a arte africana só seria validade baixo teorias ocidentais. Todos esses intelectuais envolvidos neste trabalho decidiram sentir mais profundamente e perceber séculos e até milênios de Filosofia Africana sendo praticada no continente Africano com suas próprias teorias, com suas próprias vozes, com suas próprias pessoas. Para provar isso, reunimos aqui intelectuais e artistas africanos e afrodiáspóricos com trabalhos riquíssimos e imersos em sua própria cultura. Enquanto nós estávamos aqui estudando Filosofia com um currículo inteiramente ocidental a África estava filosofando há milênios com seus próprios métodos. Claro que a confusão com os nomes Filosofia e Estética usadas para atividades do pensamento africano entraram como críticas negativas, nós perdemos anos nos explicando, mas nós deixamos de perder tempo falando sobre correspondência e tradução e estrutura, quando percebemos que a confusão

não era vontade de aprender, era na verdade racismo, porque estética é poder.

A mitologia de um povo desenha modelos de desejo e, por isso, de comando. Para ilustrar, lembremo-nos que os deuses gregos não são as imagens dos gregos, são as imagens dos melhores gregos, os que são fisicamente e intelectualmente capazes de desenrolar algum feito. De outro modo, caso não seja fisicamente atraente, é esperto e/ou inteligente para tal coisa. Ou seja, tem características tais mais afloradas que o restante do povo. Essas características, que geralmente são narradas como especiais, são perseguidas pelo restante da população que, na impossibilidade de se parecer com esses deuses ou heróis, os adoram e os elege. Nós sabemos que o campo da estética é bastante amplo, aqui podemos estudar artes plásticas, cinema, teatro, música, dança, moda, comportamento... Tudo sob a luz da filosofia. E, no Brasil, é inevitável não pensar estética como características físicas ou fenótipos, ainda que não seja um assunto fora de questão, parece que aqui é impossível fugir desse viés. Não nos esqueçamos, por exemplo, dos apelos em procedimentos corporais estéticos das mídias, do machismo que exige um certo modelo ideal de corpo feminino que eleva as cirurgias plásticas a número um no ranque mundial e que se estende largamente para o universo masculino. Cada povo tem suas demandas estéticas, não é uma peculiaridade do Brasil, das quais algumas podem nos causar estranheza, culturalmente pensando, talvez, mas pensemos no nosso caso: quando imaginamos um modelo de desejo e liderança, qual está no topo do imaginário ocidental? Um modelo exportado da Europa, com procedimentos estéticos, juntamente com aparatos e vestuária idealmente europeus. Quando uma população elege seu modelo físico ideal, é nele que se concentra. No nosso caso, geralmente ser esperto e inteligente para um tal feito, está ligado a um fenótipo europeizado, legando ao corpo preto uma fobia social. Gosto de dar o exemplo de que constantemente me perguntam se sou estrangeira, mesmo não tendo sotaque, porque meu corpo está longe do ideal europeu. No Brasil, os procedimentos estéticos para tornar-se uma pessoa bela são aqueles que os aproxima de um corpo europeu, de mesmo modo que as razões para eleger uma mente capaz está ligado a esse mesmo fenótipo.

Para entendermos a contradição em que nós, a população afrobrasileira, encontra-se diante dessa amarra fenotípica que se incorpora numa consciência coletiva, é interessante ler a abordagem Fanoniana de que o outro do corpo branco é o corpo preto³ que, claro, excede a explanação aqui, mas a comporta, de modo que ajuda na compreensão. Diz ele:

Seria interessante, com base na noção Lacaniana de estágio do espelho, nos perguntarmos em que medida a *imago* do semelhante, construída pelo jovem branco na idade já localizada, não sofre uma agressão imaginária com o aparecimento do negro. Uma vez compreendido este processo descrito por Lacan não há mais dúvidas de que o verdadeiro outro do branco é permanece o negro. E inversamente. Só que, para o branco o outro é percebido no plano da imagem corporal, absolutamente como o não-eu, isto é, o não-identificável, o não-assimilável. (FANON, 2008, p. 141)

Nesse sentido, no Brasil, tudo o que é esteticamente africano, está longe do lugar do desejo e do poder porque é considerado o outro do modelo ideal para preencher esses lugares. “Em 2009, Sueli Carneiro (filósofa, escritora e ativista)

escreveu um ensaio intitulado 'Mulheres negras e poder: Um ensaio sobre a ausência', afirmando que, infelizmente, a relação entre as mulheres negras e o poder era inexistente." (EUGÊNIO, 2020). Quando um povo escolhe seu modelo estético, escolhe também seus líderes. Por isso tudo, e muito mais do que posso explicar aqui, a maior parte da população preta deste país é legada a lugares considerados subalternos, e, se conseguem ascender ao poder, são julgados negativamente, pressionados ou mortos, como no caso de Marielle Franco, mulher preta, líder política assassinada covardemente em 2018 no Rio de Janeiro. Eu costumo repetir sobre a importância de inundarmos a pesquisa em Estética com outros modelos e quanto mais melhor, a pluriversalidade me parece muito mais filosófica que a universalidade, porque aumenta nossas possibilidades de expansão de pensamento, do ser, de vida. Enquanto universalizarmos a ideia de belo nas características fenotípicas de um povo, todos os outros estarão em vulnerabilidade social, visto que, todos os outros terão menores chances de estudar, de aprender, de se empregar, de comandar e sobretudo de ser amado. Porque, numa sociedade na qual se escolhe a partir de referenciais estéticos, o modelo escolhido não é o dele.

Os números apresentam os índices de jovens negros que são assassinados pela violência policial, pelas negligências institucionais na saúde, na assistência, e estes são fatos que assombram o imaginário das pessoas negras no Brasil, destruindo esperanças, sonhos e possibilidades, adoecendo e fazendo morrer, das mais diversas formas", avalia a especialista, que é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia.

De acordo com o psiquiatra Rodrigo de Almeida Ramos, diversos estudos associam o suicídio a transtornos mentais, que podem ter caráter biológico ou serem provocados por questões ambientais. "Os índices apontam que em mais de 90% dos pacientes que se suicidaram havia uma doença mental relacionada. Na grande maioria dos casos, o diagnóstico associado era de depressão", ressalta.

O médico enfatiza que o alto índice de suicídio entre homens negros não é novidade, apesar de o tema ser pouco explorado. "Na década anterior, por exemplo, enquanto o suicídio de pessoas brancas crescia a índices por volta de 10%, o de negros superava a casa dos 50% e isso majoritariamente se deve à exclusão social. Veja, são fatores de risco para o suicídio situações como desemprego, sensações de vergonha, desonra, desilusões amorosas, além de antecedentes de doenças mentais. Historicamente, os negros vivem uma situação de marginalização que dificulta demais sua inserção na sociedade de forma mais produtiva, acadêmica e ainda de consumo. O que vem sendo chamado de racismo estrutural. Estudos têm apontado que em uma situação de competição por vagas entre candidatos com o mesmo currículo ou o mesmo histórico profissional, a probabilidade de o candidato branco ser aprovado é maior do que um candidato negro. Segundo dados do IBGE de 2017, pardos e pretos recebem 55,6 e 54,9% do rendimento dos brancos e é a maior parte da população que está desempregada, sendo 52,7% de pardos e 11% de pretos. Se levarmos em consideração que os negros correspondam a 54% da população brasileira, esses números só reforçam a condição de desvalorização e vulnerabilidade em que vivem os pretos", diz. (TUCHLINSKI, 2020)

Você consegue identificar o número de assassinatos da população preta com referenciais estéticos?⁴ Pois sim, é verdadeiramente um dos fatores⁵. Abandono e menor aprendizado nas escolas⁶, menor número de ocupação em cargos de comando⁷, maior número de doenças psiquiátricas⁸. Porque para ser considerado, é preciso que, além de ser objeto de afeto positivo, também que esse corpo esteja entre as possibilidades do desejo e nosso desejo é direcionado para aquilo que consideramos confortavelmente belo. Desse mesmo modo, estudantes pretos não recebem a mesma atenção dos professores na hora do aprendizado que estudantes brancos, pacientes pretos, além do estigma do corpo forte, não recebem os mesmos cuidados que pacientes brancos, porque seus corpos não são culturalmente confortavelmente belos para direcionar o desejo do cuidado; mulheres e seus bebês pretos recebem menos cuidados pelo mesmo motivo. “Mulheres negras têm mais chances de terem atendimento negado, peregrinar até achar uma maternidade, serem impedidas de ter acompanhante durante o parto, não receberem anestesia para alívio da dor e ouvirem diferentes agressões verbais” (Folha de São Paulo, 2020)⁹. E o que eu faço aqui a partir desses dados é uma análise estética, tem várias outras. Estética é também uma escala de valor, e quanto vale um corpo preto, a psiquê preta nesse sentido? Numa cultura que universaliza um único modelo estético, muito pouco, quase nada. Solidão, celibato forçado (quando uma pessoa não pode escolher se relacionar sexualmente com alguém porque é preterida fenotipicamente, nesse caso), desemprego, despreparo, doenças, mortes, etc, se relacionam diretamente com o comportamento estético de um povo. A beleza é atraente, desejamos o que consideramos belo, o contrário geralmente produz afetos diferentes daqueles que precisamos para preservar nossas vidas.

Este dossiê foi pensado para inserir no mundo da Estética Filosófica um outro modelo intelectual e fenotípico e cultural e etc, na esperança de que mais outros cheguem para a festa. Festa, que é como deveria ser chamada a vida num mundo não universalizante. No entanto, nossos modelos que resistem ao universalismo estético são frequentemente atacados para manter uma hegemonia do gosto baseado no racismo. Abaixo vocês podem ler um pouco do que as manifestações culturais, que também são espirituais, de matriz africana, sofrem no Brasil:

Total Fonte : SEPPIR , Brasília . Pela tabela " Principais Tipos de Suspeitos / Agressores " , o total de suspeitos / agressores é de 891 pessoas , número superior ao total de atendimentos realizados pelo SEPPIR , indicando que há casos em que houve mais do que um suspeito / agressor . Observa - se também que os tipos dominantes de suspeito / agressor são vizinhos (26,94 %) e desconhecidos (29,40 %) . A categoria " não informado " apresenta um alto valor , sendo uma possível explicação de que o instrumento de coleta utilizado no atendimento telefônico , preenchido por atendente de forma rápida , faz com que perguntas sejam suprimidas , gerando campos em branco . Outra possível situação é que a vítima pode não estar em condição de declarar por medo , vergonha , entre outros fatores . Seguido em menor proporção temos outros três perfis : professor (4,9 %) , mãe (3,93 %) e empregador (2,24 %) . Ainda que possam ser apontados como um grupo de baixa frequência , devem ser analisados com mais cuidado , na medida em que sinalizam que a intolerância religiosa atinge os níveis da vida humana desde os lares dos brasileiros até os ambientes de trabalho e de ensino . Em especial, deveria

ser o lugar da formação de um cidadão que preza pela justiça e igualdade e não ser o ambiente formador de desigualdades e desrespeitos . Esse último campo corrobora para se pensar também até que ponto a educação pública não tem falhado no que diz respeito a compreensão de que religiosidade também é uma forma de expressão cultural , cabendo aos profissionais de diversos campos, entre outros o da História e das Ciências Sociais, contribuírem com seus saberes na busca de alternativas para a minimização dos impactos das diferentes formas de intolerância na dignidade do ser humano. (SANTOS, 2017, p. 30-31)

A partir do itan da criação da pessoa humana eu desenvolvo a ideia de que Estética na Arte é uma forma de existência, de modo que sua localização é capaz de criar e restituir a humanidade das pessoas pretas que vem sendo seriamente anulada através de diversas violências, como as citadas acima. No itan iorubá de criação da pessoa humana - quando Obatalá com a cooperação de Ogum, Nanã e Olodumare, cria a pessoa humana como obra de arte -, a arte e a vida humana com beleza são uma e a mesma coisa. Concluo que uma vez que uma pessoa é proibida de viver sua vida como a obra de arte que é ou ser impedida de refletir e produzir e expandir seu pensamento estético sobre si e o mundo ou sobre si no mundo, ela existe menos até não existir de fato. Para recuperar essa existência a partir da beleza na obra de arte, que aqui tem sentido estendido, e vocês vão poder entender a medida que leem os artigos, é preciso se apropriar de seu próprio corpo (corpo também num sentido estendido) e dos materiais de sua própria cultura como obras privilegiadas de beleza. A partir disso, vai entender que ele mesmo é agente criador de si, de sua comunidade e dotado de intelectualidade mais que suficiente para isso. Defendo, com esse dossiê, que Estética em Filosofia é instrumento de fazer viver, uma vez que reflete o mundo, e nos vendo no mundo, nos entendemos como parte produtora dele. Daí recuperar nossa ciência e tecnologia é fundamental para pensar a Estética, quando falo de minha infância e de minha avó no começo desta apresentação, estou falando disso, estou buscando atrás para apresentar agora a nossa forma de fazer arte, filosofia, ciência e afins e, de certa forma, apresentando para vocês parte de nosso método. Assim como outros intelectuais e artistas afrobrasileiros, em suas escritas e vivências diversificadas, estamos unidos em coro para engrossar a voz que resgata e constrói nossos pilares filosóficos. Somos só mais uns, e cheios de alegrias.

Não vou me estender em explicar nesta apresentação o como, porque o como está exatamente explicado em cada linha deste documento que eu considero de muita importância para agregar e expandir as pesquisas em Estética e Filosofia da Arte Africana no Brasil, e quando falo Africana, falo de toda a África que também se estende para fora do continente. Mas adianto que a grande dica, e é o que esse documento faz, é elaborar esquemas a partir de nossas existências, mostrando ou resgatando ou agregando valor Estético à elas. Por isso, todo esquema intelectual aqui apresentado busca valorizar nossas próprias tecnologias, nossos meios, nossos produtos... Apresentando nossas vidas, nossas espiritualidades, nossas ações e trabalhos em comunidade como são, como, lá na Iorubalândia, foram criados para ser: obras de arte dotadas de beleza.

Eu desejo que vocês gostem e se utilizem dessas linhas que foram feitas também em forma de agradecimento à minha comunidade e a todos e todas que disponibilizaram algum tipo de apoio nesses anos de pesquisa. Agradeço a todos os

pesquisadores aqui presentes, todos de grande e indispensável importância para a construção desta realidade.

Referências

BARROS, Sônia. Censo psicossocial dos moradores em hospitais psiquiátricos do estado de São Paulo: um olhar sob a perspectiva racial. Sônia Barros, Luís Eduardo Batista, Mirsa Elizabeth Dellosi, Maria Mercedes L. Escuder. **Saúde Soc.** São Paulo, v.23, n.4, p.1235-1247, 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nF4PdVbQJz3thK9sPThVkwP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de Maio de 2022.

CAMPOS, Ana Cristina. Negro tem 2,6 vezes mais chances de ser assassinado no Brasil. Ana Cristina Campos. **Agência Brasil Rio de Janeiro**, 31 de Agosto de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-08/risco-de-negro-ser-assassinado-e-26-vezes-superior>. Acesso em 20 de Maio de 2022.

EUGÊNIO, Roberta. Mulheres negras e poder: um novo ensaio sobre as vitórias. Roberta Eugênio. **Congresso em Foco UOL**. 19 de Nov. de 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/mulheres-negras-e-poder-um-novo-ensaio-sobre-as-vitorias/>, Acesso em 25 de Maio de 2022.

LAWAL, Babatunde. **The Gelede Spectacle: art, gender, and social harmony in an African culture**/Babatunde Lawal. Editora Washington Press, 1996.

Mulheres negras sofrem mais com a violência obstétrica; ouça debate: Socióloga e médica falam sobre o assunto no podcast 40 Semanas. **Folha de São Paulo**, 04 de Maio de 2020. Acesso: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2020/05/mulheres-negras-sofrem-mais-com-a-violencia-obstetrica-ouca-debate.shtml> em: 20 de Maio de 2022.

MEIRELLES, Matheus. Homens e mulheres negros ainda são minoria em cargos de liderança no Brasil/ Matheus Meirelles. **CNN São Paulo**, 06 de Outubro de 2021. Acesso em: <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/homens-e-mulheres-negros-ainda-sao-minoria-em-cargos-de-lideranca-no-brasil/>, em 25 de Maio de 2022.

PORTO, Douglas. Negros representam 78% das pessoas mortas por armas de fogo no Brasil. Douglas Porto. **CNN São Paulo**, 19 de Nov. de 2021. Acesso: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-representam-78-das-pessoas-mortas-por-armas-de-fogo-no-brasil/> em 20 de Maio de 2022.

SANTOS, Babalawô Ivanir. Intolerância Religiosa no Brasil: Relatório e Balanço: religious intolerance in Brazil: report account. Babalawô Ivanir dos Santos, Maria das Graças O. Nascimento, Juliana B. Cavalcanti, Mariana Gino, Vitor Almeida (organizadores). - Rio de Janeiro: Kline: CEAP, 2017.

TUHLINSKI, Camila. 'Setembro Amarelo': Racismo e exclusão social explicam alto índice de suicídio entre negros no País: Jovens negros têm maior chance de cometer suicídio no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde de 2019. **O Estado de São Paulo**, 01 de Setembro de 2020. Acesso: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,setembro-amarelo-racismo-e-exclusao-social-explicam-alto-indice-de-suicidio-entre-negros-no->

[pais,70003420170](#) em: 20 de Maio de 2022.

VASCONCELOS, Caê. Número de homicídios de pessoas negras cresce 11,5% em onze anos; o dos demais cai 13%: Para não negros brasileiros, taxa de homicídios é semelhante à da Rússia, para os negros, Guatemala. Em 2018, a violência contra a população LGBT+ aumentou 19,8%; dados são do Atlas da Violência. Caê Vasconcelos. **EL PAÍS**, 2020, 17 de Agosto de 2020. Acesso: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-27/numero-de-homicidios-de-pessoas-negras-cresce-115-em-onze-anos-o-dos-demais-cai-13.html> em 20 de Maio de 2022.

4 em cada 10 jovens negros não terminaram o ensino médio. **Observatório das Desigualdades**, 04 de Outubro de 2019. Acesso: <http://observatoriodesigualdades.fjp.mg.gov.br/?p=716>, em 25 de Maio de 2022.

¹Doutora em Filosofia pela UERJ, email: naiarapaula.e@gmail.com ; link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5509698475535632>

² Ver isso e mais em rowlandabiodun.com.

³ Para melhor entendimento leia FANON, 2008, p. 141.

⁴ Me utilizo de dados oficiais publicados em informativos para ratificar uma ideia e desenhar o conceito apresentado. Não significa que as materias necessariamente apresentam os mesmos conceitos que eu.

⁵ “As mortes provocadas por armas de fogo aumentaram gradativamente no Brasil desde os anos 1990, sendo responsável por 70% dos homicídios nos anos 2000. A cor da pele evidencia o risco e aumenta a proporcionalidade da letalidade. A população negra é a maior do país, representando 56% dos 212 milhões de habitantes, mas também é a mais vitimada. O estudo “Violência armada e racismo: o papel da arma de fogo na desigualdade racial”, do Instituto Sou da Paz, mostra que dos 30 mil assassinatos por agressão armada em 2019, 78% foram contra pessoas negras.” (PORTO, 2021)

“Em 2019, os negros apresentaram 77% das vítimas de homicídio no Brasil, com uma taxa de 29,2 por 100 mil habitantes. Entre os não negros, a taxa foi de 11, 2 para cada 100 mil habitante, o que significa que o risco de um negro ser assassinado é de 2,6 vezes superiores ao de uma pessoa não negra. Entre os anos de 2009 e 2019, 623.439 pessoas foram vítimas de homicídios no Brasil. Destas, 333, 330, ou 53% do total, eram adolescentes e jovens. Os dados constam da edição 2021 do Atlas da Violência, divulgada hoje (31). a publicação foi elaborada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Instituto Jones Santos Neves (IJSN).” CAMPOS, 2021)

“No contexto histórico, de 2008 a 2018, 628.595 pessoas foram assassinadas no país. O perfil das vítimas aponta que 91,8% eram homens e 8% eram mulheres. Entre os homens, 77,1% foram mortos por arma de fogo, enquanto a taxa das mulheres é de 53,7%. O risco de um homem negro ser assassinado é 74% maior e para as mulheres negras a taxa é de 64,4%. ‘Como os processos de racialização incidem sobre as violências? É sobre a falta de acesso que os homens negros têm dos serviços e políticas públicas, enquanto a mulher negra é triplamente vulnerável. É sobre a falta de acesso e que principalmente ficam evidentes às imagens que o homem negro tem de bandido e da mulher negra sendo hipersexualizada’, explica a pesquisadora Amanda Pimentel, que participou do estudo.” (VASCONCELOS, 2020)

⁶ Segundo o superintendente do Instituto Unibanco, Ricardo Henriques, a definição para as causas dessas desigualdades exige maiores estudos, mas a recorrência de evidências indica processos estigmatizantes e estruturais: “Pode ser estigma dos professores [com relação aos jovens negros, como a indisciplina], práticas cotidianas de exclusão, ambientes autorreferidos que produzem preconceito, leituras pretéritas que não são educacionais, e provavelmente uma combinação de todos esses fatores”. Para mais informações leia: **4 em cada 10 jovens negros não terminaram o ensino médio**.

⁷ “Dados do IBGE mostram que menos de 3% de mulheres e homens negros alcançam cargos de diretoria ou gerência no Brasil. O número chega a ser três vezes menor do que mulheres e homens

brancos.” Leia mais em: **Homens e mulheres negros ainda são minoria em cargos de liderança no Brasil.**

⁸ “Ao caracterizar o perfil dessa população, foi identificado que a população branca é predominante nesses hospitais, totalizando 60,29% do total de moradores. No entanto, os dados de raça/ cor do censo demográfico do ano 2000 informam que 27,4% da população do estado de São Paulo é preta e parda e na população moradora de hospitais psiquiátricos, esse número alcançou 38,36%. Como resultados, constatou-se uma maior proporção de negros que estão internados porque não têm renda e/ou lugar para morar. Essa população possui uma rede social frágil, recebe menos visitas, - precariedade social - associada ao transtorno mental ou doenças clínicas. Apesar de existir a Portaria GM 106/2000 que instituiu os Serviços de Residenciais Terapêuticos (SRTs) para egressos de internações psiquiátricas de longa permanência com ausência e/ou fragilidade de redes sociais de suporte, supõe-se que os negros não são contemplados por esta resolução. Os efeitos psicossociais do racismo e o impacto dos processos de preconceito, exclusão e apartamento social na saúde mental são evidenciados neste artigo.” Ver mais em: **Censo psicossocial dos moradores em hospitais psiquiátricos do estado de São Paulo: um olhar sob a perspectiva racial.**

⁹ Para mais informação sobre o tema, leia e escute a matéria intitulada **Mulheres negras sofrem mais com a violência obstétrica; ouça debate: Socióloga e médica falam sobre o assunto no podcast 40 Semanas**, na Folha De São Paulo, 2020.

Recebido em: 05/2022

Aprovado em: 06/2022